



PROJETO COMUNITÁRIO DE PRODUÇÃO DE PEIXES EM POMPÉU-MG

Isabela Lopes Samary^{1*}, Matheus Anchieta Ramirez², Milena Costa Silva Sales³, Michel Souza Almeida⁴, Nayane Kelly Ciriaco Silva⁵, César Augusto Nunes⁶, Pedro Drummond Rodrigues⁷.

¹Discente no Curso de Aquicultura – Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG – Belo Horizonte/MG – Brasil – *Contato: belasamary@gmail.com

²Docente do Departamento de Zootecnia – Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG – Belo Horizonte/MG – Brasil – *Contato: matheusarta@yahoo.com.br

³Pós-Graduação em Zootecnia – Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG – Belo Horizonte/MG – Brasil – *Contato: milenasaes28@gmail.com

⁴Discente no Curso de Aquicultura – Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG – Belo Horizonte/MG – Brasil – *Contato: michelvrau@gmail.com

⁵Discente no Curso de Medicina Veterinária – Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG – Belo Horizonte/MG – Brasil – *Contato: nayanee1926@hotmail.com

⁶Discente no Curso de Medicina Veterinária – Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG – Belo Horizonte/MG – Brasil – *Contato: cesar.nunes2602@gmail.com

⁷Discente no Curso de Medicina Veterinária – Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG – Belo Horizonte/MG – Brasil – *Contato: pedrodrummond.vei@gmail.com

INTRODUÇÃO

A Extensão Universitária é uma importante ferramenta acadêmica que tem por finalidade ser a ponte entre a Universidade e a comunidade em que ela está inserida¹. Relação que qualifica a Universidade ao se envolver em questões locais e também serve como um recurso valioso para as comunidades adjacentes. Relação na qual as Universidades podem aplicar o conhecimento produzido e propagado em seu interior em contextos reais. O que beneficia os estudantes ao gerar a estes experiências práticas e a comunidade com os saberes e a experiência destas instituições de ensino.

O objetivo deste trabalho foi implementar sistemas de produção de peixe em Pompéu-MG junto a Comunidade do Assentamento de Reforma Agrária 26 de Outubro.

METODOLOGIA

O trabalho foi realizado no Assentamento 26 de Outubro, localizado no município de Pompéu-MG, entre os anos de 2013 a 2016. Em seu desenvolvimento foi utilizada metodologia extensionista comunitária e participativa², onde todo o processo foi discutido em reuniões, nas quais era deliberado pelo público do assentamento perspectivas e etapas do projeto.

As ações do projeto tiveram início a partir de um financiamento obtido por meio do edital PROEXT-MEC. Com a disponibilidade de aproximadamente 7 mil reais, os produtores puderam escolher um projeto a ser desenvolvido junto à comunidade para a aplicação dos recursos. Devido à disponibilidade hídrica, optaram pelo fomento à produção de peixes em tanques-rede. A dinâmica de atuação foi organizada de forma democrática, com os produtores assumindo o protagonismo dos processos, definindo tanto a organização da produção quanto o reinvestimento dos recursos para a inclusão de novas famílias no projeto. Todas as atividades foram realizadas por estudantes de graduação do curso de Aquicultura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a Segunda Guerra Mundial, ocorreram mudanças significativas no modelo agrícola adotado globalmente. O sistema, que antes se baseava em práticas tradicionais, passou a focar na alta produtividade, sob os princípios da Revolução Verde. Essa transformação aumentou a produção agrícola, mas também trouxe impactos negativos para o meio rural, como a desvalorização do conhecimento das comunidades locais, a redução da diversidade genética das culturas em favor de variedades de alto rendimento, além de favorecer indústrias de insumos agrícolas, aumentando a dependência dos agricultores dessas empresas. Esse processo também resultou em impactos ambientais, como desmatamento, esgotamento de recursos hídricos, alterações nas paisagens rurais e mudanças climáticas. Assim, os pequenos produtores rurais, que não têm condições de tecnificar sua produção, acabam sendo prejudicados pelos grandes produtores, que modificam o ambiente ao seu redor, o que gera maior exclusão das comunidades e intensifica a pobreza nas regiões afetadas³.

A estratégia adotada pelos pequenos produtores rurais, que compõem a agricultura familiar, é a diversificação da produção, de modo que cada atividade contribua para a renda familiar. No entanto, muitas dessas comunidades enfrentam dificuldades para entrar e se manter no mercado, já que os preços de seus produtos não conseguem competir com os valores praticados pelos grandes distribuidores comerciais⁴. Conscientes

desses desafios, o Grupo de Estudos da Agricultura Familiar da Escola de Veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais (GEAF/UFMG) desenvolveu um projeto em parceria com a comunidade do Assentamento 26 de Outubro em Pompéu-MG. Processo que se fundamentou no intercâmbio de saberes, promoveu a troca de conhecimentos, valorizando o saber das comunidades locais, respeitando seus valores, desejos e interesses.

Durante o período de 2013 a 2016 o projeto promoveu 17 visitas técnicas, 13 reuniões comunitárias, 02 cursos de capacitação, 6 aulas práticas e viabilizou a realização de 01 evento de intercâmbio entre comunidades de agricultura familiar do município. Como resultado, os grupos de assentados denominados Caiçara e Capão da Roça receberam suporte técnico e insumos para impulsionar suas atividades aquícolas dentro do assentamento. No entanto, a comunidade de Capão da Roça, exercendo a autonomia e protagonismo proposto, decidiu seguir um caminho independente no meio do primeiro ciclo de produção, seguindo com a produção sem a intervenção da equipe do projeto. Ficando a equipe do projeto a sua disposição se houvessem demandas. Portanto, os resultados apresentados neste trabalho são referentes apenas à comunidade de Caiçara.

O primeiro ciclo produtivo, que teve início em janeiro de 2015 e terminou em julho de 2016, foram utilizados 3 tanques-rede e alcançou-se produção total de 1.550 kg de peixe. Destes, cerca de 100 kg foram usados para alimentação das famílias envolvidas na atividade. Além dos resultados de produtivos, o projeto alcançou conquistas significativas em termos de impacto social, conforme detalhado na Tabela 1.

Tabela 1: Resultados sociais quantitativos e qualitativos das atividades entre 2013 e 2016

Atividades	Quantidade
Reunião de grupo de produtores	6
Reuniões comunitárias	4
Cursos de capacitação (piscicultura e defumação)	2
Aulas práticas (Extensão rural, Limnologia e Sanidade)	6
Confraternização comunitária em comemoração da parceria com a UFMG	1
I - Encontro de comunidades rurais em assentamentos de Pompéu - MG	1

O projeto se desenvolveu inteiramente em sistema de tanque rede, aplicado na área do açude do Grupo Caiçara, sendo tudo definido anteriormente pelo próprio grupo através de reuniões. A espécie escolhida para produção foi a tilápia do Nilo (*Oreochromis niloticus*), devido ao seu desempenho zootécnico, robustez e adaptabilidade. Devido a sua proximidade com os rios Paraopeba e São Francisco, houve a demanda de mercado para a produção de peixes nativos como Curimbatá (*Prochilodus lineatus*) e Piau (*Leporinus freiderici*)⁵. O que incentivou os produtores a incluírem a produção de piau no projeto para a diversificação produtiva. Entretanto, esta produção alcançou piores



XIV Colóquio Técnico Científico de Saúde Única, Ciências Agrárias e Meio Ambiente

resultados econômicos que a produção da tilápia do Nilo, sendo vista pelos produtores como inviável.

O manejo sugerido pela academia foi adaptado para a realidade dos produtores de forma a minimizar custos e maximizar o resultado econômico, já que nas propriedades existem mais de uma atividade produtiva em que as famílias se dedicam diariamente. A alimentação dos peixes foi feita por meio do fornecimento de dietas comerciais aos animais nas primeiras fases de criação com a inclusão na fase de terminação dos animais uma alimentação alternativa composta a base de resíduos de hortaliças, o que reduziu significativamente o consumo de ração⁶.

O projeto disponibilizou o recurso total de R\$ 6.181,30, para a implantação dos sistemas de produção e o fornecimento de ração ao primeiro ciclo produtivo. Assim, foram financiadas com despesas envolvendo compra de milho de alevinos, tanques-rede, cordas, bolsões, puçás, tratadores e rações para todas as fases. Os produtores do grupo Caiçara, obtiveram receita bruta de R\$13.250,00 com a venda dos peixes. Esse retorno financeiro permitiu que a comunidade investisse na ampliação de sua produção, em mais três tanques, fazendo a restituição do valor investido para a inclusão de um novo grupo de produtores no projeto.

Apesar do sucesso do projeto, o desastre da Vale, ocorrido em janeiro de 2019, teve repercussões devastadoras em diversas regiões de Minas Gerais, incluindo Pompéu⁷. O rompimento da barragem em Brumadinho resultou em uma contaminação significativa dos cursos d'água, impactando diretamente a fauna e a flora locais. Em Pompéu, onde a economia é parcialmente dependente da aquicultura⁸, a contaminação dos rios e das águas utilizadas na produção de peixes gerou um clima de insegurança entre os consumidores, que pararam de consumir peixes produzidos na região. A percepção de que os peixes poderiam estar contaminados levou à paralisação do mercado que antes absorvia a produção local. Fazendo com que os produtores não conseguissem seguir com o projeto produtivo.

Esse cenário ilustra como desastres ambientais podem ter efeitos duradouros na economia local, especialmente em áreas onde a produção depende diretamente da saúde dos ecossistemas aquáticos. Neste caso, mesmo não sendo atingidos diretamente pelo crime ambiental, os produtores foram atingidos de forma indireta e silenciosa, para com impactos em tal magnitude que impediram as atividades produtivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho coletivo entre comunidades rurais e a academia estabeleceu a comunicação dialógica que eliminou hierarquias de saberes. Essa abordagem fortalece as comunidades ao valorizar o saber camponês e demonstra a importância de projetos de extensão que equilibram inovações técnicas e saberes locais. O projeto criou ações coletivas que permitiram aos agricultores adquirir novas habilidades enquanto mantinham suas raízes culturais. Os resultados indicam que essa abordagem é viável como modelo de ação extensionista, servindo como exemplo para políticas públicas em comunidades similares, alcançando autonomia e resultados financeiros que permitam a subsistência dos projetos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1 PRADO, E.; RAMIREZ, M. A. Agricultura Familiar e extensão rural no Brasil. 1. ed. Belo Horizonte: FEPMVZ, 2011. v. 1. 120p.

2 GONÇALVES, L. C.; RAMIREZ, M. A.; FIGUEIREDO, A. TÓPICOS DE SETOR AGRÁRIO E DE EXTENSÃO RURAL. 1º Edição. Belo Horizonte: FEPMV, 2019. 141p. Disponível em:

<<https://vet.ufmg.br/ARQUIVOS/FCK/file/Livro%20T%C3%B3picos20de%20Setor%20Agr%C3%A1rio%20e%20de%20Extens%C3%A3o%20Rural.pdf>>

> . Acesso em: 22 out. 2023.

3 Altieri, M. A., & Nicholls, C. I. (2008). Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável. Porto Alegre: Editora UFRGS

4 Schneider, S. (2016). A diversidade da agricultura familiar. Porto Alegre: Editora UFRGS.

5 Sato, Y., & Godinho, H. P. (2003). Peixes da bacia do rio São Francisco: Comportamento reprodutivo e estratégias de manejo. Belo Horizonte: Editora PUC Minas.

6 Toledo, V. M., & Barrera-Bassols, N. (2008). La memoria biocultural: La importancia ecológica de las sabidurías tradicionales. Barcelona: Icaria Editorial.

7 Brumadinho: o desastre e suas consequências. (2019). Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa do Senado. Disponível em: senado.leg.br

8 Governo do Estado de Minas Gerais. (2020). Diagnóstico do Setor Pesqueiro e Aquícola de Minas Gerais. Disponível em: <https://www.gov.br/agriculturafamiliar/pt-br/>

APOIO:

